

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA

GUILHERME MATTIOLI

DISTÚRBIOS COMPORTAMENTAIS EM CÃES E GATOS

UBERLÂNDIA

2022

GUILHERME MATTIOLI

DISTÚRBIOS COMPORTAMENTAIS EM CÃES E GATOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito à aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso 2.

Área de concentração: Medicina Veterinária

Orientador: Carolina Franchi João

UBERLÂNDIA

2022

RESUMO

O comportamento animal trata-se de um dos fatores fundamentais a serem compreendidos na medicina veterinária, visto que distúrbios comportamentais são frequentes e rotineiros na clínica médica de pequenos animais. Sendo assim, se torna imprescindível o conhecimento e a capacitação por parte do profissional, afim de prevenir esses distúrbios quando possível e corrigir de forma satisfatória quando necessário. Dentre os distúrbios, alguns dos mais frequentes são a ansiedade por separação, a agressividade, as fobias e as eliminações inapropriadas. Nesse contexto, o estudo possuiu o objetivo de analisar as principais alterações comportamentais observadas por tutores de cães e gatos, afim de conscientizar médicos veterinários sobre essa problemática atual e recorrente. Dessa forma, ao analisarmos a identificação dos distúrbios comportamentais pelos tutores, foi observado que muitos animais apresentavam pelo menos um distúrbio de comportamento, sendo os mais frequentes nos cães, a ansiedade ao ficar sozinho, medo de barulhos, lambeo excessivo e dependência excessiva por algum membro da família, enquanto que nos gatos observou-se o medo de pessoas, seguido de medo de barulhos, ansiedade ao ficar sozinho e vocalização excessiva, sendo que em ambas espécies o comportamento menos frequente foi a coprofagia. Visto isso, destaca-se a recorrência e importância da especialidade de comportamento animal na medicina veterinária, na identificação e tratamento de animais com problemas de comportamento, visto que os médicos veterinários são os únicos profissionais capacitados e habilitados para realizar o tratamento de distúrbios comportamentais em animais de estimação.

Palavras-chave: comportamento animal, pequenos animais, distúrbios comportamentais, médico veterinário

ABSTRACT

Animal behavior is one of the fundamental factors to be understood in veterinary medicine, since behavior disorders are frequent and routine in the small animal medical clinic. Therefore, knowledge and training on the part of the professional is essential, in order to prevent these disorders when possible and to correct them satisfactorily when necessary. Among the disorders, some of the most frequent are separation anxiety, aggression, phobias and inappropriate eliminations. In this context, the present study aims to analyze the main behavioral changes observed by dog and cat tutors, in order to make veterinarians aware of this current and recurring problem. Since, in both species, it was reported by most of the tutors that their animals had at least one behavioral disorder, the most frequent in dogs being anxiety when being alone, fear of noises, excessive licking and excessive dependence on a member of the family. family, while in cats fear of people was observed, followed by fear of noises, anxiety when being alone and excessive vocalization, in both species the less frequent behavior was coprophagia. Given this, the recurrence and importance of the specialty of animal behavior in veterinary medicine is highlighted, in the identification and treatment of animals with behavior problems, since veterinarians are the only trained and qualified professionals to carry out the treatment of behavioral disorders in pets.

Keywords: animal behavior, small animals, behavioral disorders, veterinarian

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	5
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	6
	2.1 Consulta comportamental.....	6
	2.2 Distúrbios comportamentais.....	6
	2.2.1 Ansiedade por separação	6
	2.2.2 Agressividade	8
	2.2.3 Fobias.....	9
	2.2.4 Eliminação inapropriada	10
	2.2.5 Tratamento	11
3	METODOLOGIA.....	13
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	13
5	CONCLUSÃO.....	20
6	CRONOGRAMA.....	21
	REFERÊNCIAS	22
	ANEXOS	26

1 INTRODUÇÃO

O estudo do comportamento animal tem como base a teoria da evolução desenvolvida pelo pesquisador Charles Darwin, sofrendo grande influência da etologia. A etologia no Brasil foi relatada e estudada pela primeira vez na década de 60, porém é uma ciência bastante difundida no continente Europeu e nos Estados Unidos. A palavra Etologia tem origem grega e ao analisar separadamente suas partes, tem-se que Ethos significa hábito e logos estudo, sendo a etologia a área da ciência que estuda os hábitos e comportamentos das diferentes espécies animais. (YAMAMOTO, 2007)

Embora o comportamento animal seja uma especialidade recente na medicina veterinária, essa é uma área de grande importância para compreender e modificar os comportamentos problemáticos em cães e gatos, dessa forma, é extremamente necessário médicos veterinários habilitados e capacitados, para modificar e tratar os distúrbios comportamentais nos animais de companhia (NEILSON, 2009). Visto que essa é uma das principais causas de abandono pelos tutores (PASSALACQUA *et al.*, 2013).

Diante esse cenário, considerando a problemática envolvida nos distúrbios comportamentais apresentados pelos animais e a importância do médico veterinário em saber lidar com esses tipos de comportamentos, o objetivo do presente trabalho é levantar dados sobre os principais hábitos comportamentais manifestados pelos cães e gatos, afim de auxiliar profissionais da área à abordarem e tratarem os pacientes de forma individual e coerente em relação ao comportamento apresentado por cada um.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Consulta comportamental

Durante uma consulta comportamental, o médico veterinário pode se deparar com diversas queixas relacionadas a distúrbios comportamentais, como agressividade, ansiedade, desobediência, comportamento compulsivo ou repetitivo, eliminação inapropriada, disfunção cognitiva e problemas dermatológicos (AMAT *et al.*, 2005). Ao realizar uma consulta comportamental, seja em uma clínica veterinária, ou na própria casa do proprietário, o médico veterinário tem a oportunidade de identificar e avaliar os distúrbios comportamentais, e assim instruir o tutor sobre os procedimentos a serem realizados para correção do problema e obtenção de resultados satisfatórios, sendo que o ideal, é que seja realizado um trabalho de prevenção e intervenção precoce, pois dessa forma, existe maior chance de sucesso comparado à tentativa de corrigir um comportamento já estabelecido (LANDSBERG, 2008).

A utilização de um questionário estruturado antes da consulta é de grande importância e é um método muito utilizado para auxiliar no diagnóstico e contribuir para o acompanhamento do animal, essa abordagem permite que o médico veterinário durante a primeira consulta, obtenha conhecimento acerca do ambiente, interações sociais e comportamento do animal (SEKSEL, 2004). Durante o atendimento, deve ser realizada a observação direta do animal para se obter informações relevantes relacionadas ao nível de vigilância, comportamento exploratório e a interação entre o tutor e seu animal (BÉATA *et al.*, 2015). Além da observação direta, o exame clínico é essencial, pois permite investigar a condição de órgãos sensoriais, a manifestação de dor e também identificar afecções endócrinas e dermatológicas que podem provocar alteração no comportamento do animal (BÉATA *et al.*, 2012).

Após a primeira consulta, é importante estabelecer um acompanhamento da relação entre tutor animal, principalmente quando há recomendação do uso de psicotrópicos (BÉATA *et al.*, 2015), isso permite com que o médico veterinário avalie a resposta a modificação comportamental e verifique o efeito da inclusão da terapia farmacológica (BÉATA *et al.*, 2015).

2.2 Distúrbios comportamentais

2.2.1 Ansiedade por separação

A ansiedade por separação ocorre quando o animal é separado de uma figura a qual possui um vínculo, normalmente o tutor do animal, essa é uma alteração que afeta não só o seu bem estar, mas também a sua estabilidade com o tutor (BLACKWELL *et al.*, 2006). O fator principal para o paciente desenvolver esse transtorno, é o medo de ficar sozinho ou sem algum membro da família (HORWITZ; MILLS, 2009). Essa ansiedade é agravada na ausência dos tutores e superada na presença deles. (BRADSHAW *et al.*, 2002). A ocorrência de um evento traumático e o estresse ambiental também podem ser citados como fatores de predisposição de ansiedade por separação (HUNTHAUSEN, 2010d).

Durante o tempo em que o tutor está em casa, é possível perceber alguns sinais associados a este distúrbio, podendo ser citados: o olhar fixo ao tutor, o animal passa a segui-lo a procura de contato físico e permanente, podendo até ocorrer estresse ao perder o contato. Outros sinais que observados são: agitação, alterações fisiológicas (tremores, diarreia, vômitos e taquicardia), agressividade, auto mutilação (lamber excessivo e morder a cauda), comportamento repetitivo (andar em círculos), sinais de depressão (postura de medo, isolamento social, letargia e inapetência) (SHERMAN; MILLS, 2008).

Na ausência do tutor pode ocorrer algumas alterações comportamentais, sendo as mais relatadas a vocalização excessiva e os comportamentos destrutivos, que por sua vez, são motivados pela procura do animal ao proprietário. Também pode-se citar a eliminação de urina em lugares inadequados da casa e a presença de fezes de consistência mole, no entanto, fatores patológicos também podem ser causas do desenvolvimento de tais comportamentos. Em razão disso, é de extrema importância que seja feita uma anamnese completa para descartar outras causas (BÉATA *et al.*, 2015).

O diagnóstico da síndrome de ansiedade por separação é complexo e inclui a eliminação de outros diagnósticos diferenciais, clínicos e comportamentais, sendo feito com base no histórico comportamental do animal e pela avaliação do médico veterinário (APPLEBY; PLUIJMAKERS, 2003). Entre os diagnósticos diferenciais comportamentais, pode-se citar: falta de oportunidade de micção adequada, marcação territorial, medo, excitação e treinamento inadequado. Já em relação aos diagnósticos diferenciais clínicos, encontra-se: distúrbios do sistema urinário e gastrointestinal, reprodutivo, como a piometra, prostratite, convulsão e neoplasias (SIMPSON, 2000).

Para realizar o tratamento com sucesso, é de grande importância que sejam incluídas modificações que aumentem a independência do cão em relação ao tutor, ensinando-o a permanecer tranquilo durante sua ausência e implantando estímulos que deixem o animal mais relaxado e seguro. É considerável realizar a dessensibilização de indícios revelados antes da

partida e após a chegada em casa, para que assim o animal fique menos ansioso pela falta do tutor, bem como a adição de brinquedos e enriquecimento do ambiente que permitam o animal se distrair durante sua ausência (HUNTHAUSEN, 2010a).

O uso de feromônios é considerado interessante, permitindo com que o animal fique mais tranquilo e calmo ao contato com essa substância (FRANK *et al*, 2010). Em relação ao uso de terapia farmacológica, o médico veterinário deve analisar a gravidade da situação para verificar a necessidade de indicar o uso dessa alternativa, e elaborar um plano terapêutico combinado de um programa de modificação comportamental, afim de melhorar os resultados do tratamento. (LANDSBERG *et al*, 2008).

2.2.2 Agressividade

O comportamento agressivo pode estar associado á necessidade do animal de controlar determinados contextos sociais ou recursos ambientais, como o acesso restrito a certos locais, recursos limitados, ou até mesmo a falta de atenção por parte do tutor. No manejo desse problema é necessário evitar estímulos provocatórios, afim de prevenir o comportamento agressivo. (HORWITZ, 2006). Pode-se classificar a agressividade de acordo com as seguintes categorias: territorial, por dominância, irritabilidade e relacionada ao medo (HORWITZ, 2012).

Em casos de agressividade, muitas vezes verifica-se a “tríade das sociopatias”, composta pela agressividade por dominância, territorial e irritabilidade. Em casos de dominância, ocorrerá a apresentação de comportamento agressivos em situações que envolvem acesso a recursos, como a presença de comida. Na agressividade territorial, o animal irá apresentar o comportamento de defesa do território, como em situações em que o tutor tenta tira-lo do carro, ou de sua cama. No caso da agressividade por irritabilidade, a causa está associada à situações em que estímulos do ambiente, pessoas ou animais causem desconforto para o animal e assim seja gerada uma ação agressiva em tentativa de defesa ao estímulo (LANDSBERG *et al*, 2013).

Em cães e gatos, a agressividade associada ao medo pode ser devido a reduzida interação com humanos e animais durante o seu desenvolvimento. Esse comportamento ocorre devido a uma baixa tolerância em situações que provoquem medo no animal, normalmente, na tentativa de evitar o contato com pessoas ou outros animais que possam apresentar risco. Geralmente o alvo da agressão é aquele que causa a sensação de medo, fazendo com que o animal adote uma postura de defesa, principalmente em situações em que o próprio esteja impossibilitado de fugir ou de se esconder, causando uma resposta de agressão ainda mais exagerada (MENTZEL, 2016).

Para o tratamento de comportamentos agressivos, é importante que o médico veterinário verifique qual o motivo da agressão, relacionando os estímulos ambientais, experienciais e vivências do animal. Tal comportamento é uma resposta do animal na tentativa de evitar ameaças ou realizar seus desejos, por este motivo, deve-se verificar o momento em que esse comportamento agressivo iniciou em sua vida, e os fatores que influenciaram a isso (CASEY, 2014). A modificação comportamental é muito recomendada no tratamento de casos de agressividade, realizando um protocolo de dessensibilização e contra condicionamento, em que o animal será exposto gradualmente aos estímulos que causam o comportamento agressivo, recompensando-o conforme não ocorra reação ao estímulo (BAIN; STELOW, 2014).

Os efeitos de hormônios sexuais, como a testosterona, são muitas vezes associados a respostas agressivas, portanto, pode-se indicar a castração para contribuir na diminuição dessas respostas (GIAMMANCO *et al*, 2005). Em casos mais graves, pode-se recorrer a utilização de fármacos, associado a terapia de modificação comportamental, afim de alcançar uma resposta satisfatória em frente ao comportamento agressivo, porém, seu uso deve ser avaliado por um médico veterinário capacitado e não deve ser o único meio de tratamento para agressividade (BAIN; STELOW, 2014).

2.2.3 Fobias

Vários distúrbios comportamentais tem como motivação a resposta ao medo, como a ansiedade por separação, a agressividade por medo e as fobias (LANDSBERG *et al*, 2013). Em determinado nível, o medo é um comportamento normal que permite a adaptação do animal a situações adversas, porém este se transforma em fobia quando exposto a um estímulo e responde de forma exagerada a ele (CROWELL-DAVIS, 2009).

As fobias podem ser estabelecidas por meio de experiências desagradáveis e socialização inadequada (HUNTHAUSEN, 2010c). O tipo mais comum são as fobias adquiridas ou pós traumáticas, que ocorrem após a exposição do animal a um estímulo que causa medo intenso. Dentre as fobias, a sonora é muito prevalente e causa uma reação de medo exacerbado, geralmente relacionado a trovões, tempestades e fogos de artifício (BÉATA *et al*, 2015).

Também pode-se encontrar fobias ontogênicas, que acontecem quando o animal cresce em um ambiente pouco estimulante e posteriormente desenvolve a fobia por estímulos que não foi exposto durante seu desenvolvimento (BÉATA *et al*, 2015). Quando o animal encontra-se

em uma situação de fobia, pode ocorrer diversos sinais como resposta ao estímulo, demonstrando comportamentos como: vocalização, tremores, dispneia, salivação, esconder-se, fugir, destruir, solicitar atenção do tutor e eliminação inapropriada (BLACKWELL *et al*, 2013).

Para o tratamento, a principal estratégia é a utilização da modificação comportamental, realizando uma associação de um estímulo positivo com o estímulo que causa a resposta de medo ou fobia, sendo utilizado um protocolo de dessensibilização e contra condicionamento. Na realização desse protocolo, ocorre a exposição do animal ao estímulo indesejado, em um nível reduzido que não cause a reação de medo ou fobia, recompensando-o quando o mesmo não demonstrar reação (HUNTHAUSEN, 2010b).

É importante expor o animal gradualmente a esse estímulo, sendo esperado que com o passar do treinamento, o paciente possa apresentar o comportamento desejado durante a presença máxima do causador da fobia. É de grande valor que não ocorra somente a mudança do comportamento específico, mas também do estado emocional e mental do paciente, para que se apresente calmo e confortável perante essas situações. Em situações mais graves, pode-se realizar a combinação da terapia comportamental com a associação de terapia farmacológica (HUNTHAUSEN, 2010a).

2.2.4 Eliminação inapropriada

A eliminação inapropriada é considerada um distúrbio de comportamento que ocorre quando o animal elimina seus excrementos em locais não definidos, sendo que esse comportamento pode ter causas patológicas e psicológicas, podendo ser devido a diferentes motivos como: relacionado a fatores ambientais e sociais, marcação de território ou origem de doenças clínicas (doenças do trato urinário, doenças gastrointestinais, diabetes, síndrome de ansiedade por separação). Portanto, é importante que seja identificada a principal causa do problema para realizar um correto diagnóstico e tratamento (CARNEY *et al*, 2014)

Em gatos, é comum ocorrer a eliminação inapropriada devido a fatores ambientais ou sociais, em que o animal escolherá um local sem ser a caixa de areia para realizar suas necessidades. Os fatores associados são: quantidade de animais no local, falta de higiene da caixa de areia, localização, tamanho e substrato utilizado na caixa, por isso, é necessário ensinar ao tutor sobre a importância de oferecer uma caixa de areia adequada as necessidades ambientais de seu animal (HORWITZ, 2019).

A eliminação inapropriada também pode ocorrer pelo treinamento inadequado em casa, onde o animal não compreende o local onde deve fazer suas necessidades. Além desse motivo,

pode ocorrer em situações de submissão, excitação ou medo (SHERMAN; MILLS, 2008). Em relação ao tratamento, é importante identificar as causas do distúrbio, para assim corrigir o comportamento indesejável. Por isso, o médico veterinário deve analisar a melhor alternativa a ser utilizada, podendo ser citados: o uso de feromônios, remoção de estímulos estressantes, manejo ambiental, castração, remoção de odores e uso de fármacos psicoativos (HUNTHAUSEN, 2010a).

2.2.5 Tratamento

Os distúrbios comportamentais são uma das principais causas de abandono de animais pelos tutores (PASSALACQUA *et al*, 2013), Devido a isso, o médico veterinário tem papel fundamental no seu tratamento e prevenção, devendo estabelecer um plano terapêutico adequado a realidade do animal e tutor, informando sobre o possível diagnóstico e os objetivos e expectativas em relação ao tratamento (BÉATA *et al*, 2015). Existem diversas áreas de abordagem para os distúrbios comportamentais, sendo que as mais utilizadas são: técnicas de modificação comportamental, manejo ambiental, e terapia farmacológica (LANDSBERG *et al*, 2013).

A modificação comportamental é uma das principais abordagens utilizadas (Hammerle *et al.*, 2015). Seu objetivo é diminuir a frequência de determinados comportamentos na tentativa de ensinar o animal a ficar mais calmo e menos reativo. Um ponto crucial é realizar a erradicação dos estímulos associados ao comportamento indesejado, sempre associado a elogios e recompensas aos comportamentos desejáveis. Ressalta-se também a contraindicação do uso de qualquer tipo de punição física e dolorosa para correção de comportamentos inadequados (OVERALL,2013).

Em relação ao manejo ambiental, é importante que os animais tenham um ambiente seguro e adequado as suas necessidades (LANDSBERG *et al*, 2013). Por isso, há a necessidade de implementar alternativas que proporcionem essas condições. Algumas alternativas que podem ser utilizadas é oferecer enriquecimento social e físico, diminuir estímulos no ambiente que causem medo e ansiedade e estabelecer uma zona de segurança onde o animal sinta-se seguro, como uma cama ou casinha (LANDSBERG *et al.*, 2013).

Por fim, pode-se recorrer a terapia farmacológica, porém essa, deve ser associada a terapia de modificação comportamental e manejo ambiental adequado, não sendo a única forma de tratamento. Estudos comprovaram que quando associada a outras abordagens terapêuticas, a terapia farmacológica tem melhor resultado e eficácia (LANDSBERG *et al*, 2008). Na

medicina comportamental, encontram-se diversas opções de classes de medicamentos, ficando a critério do médico veterinário a utilização para o caso específico de tratamento, entre as opções encontra-se: neurolépticos, inibidores seletivos da recaptação de serotonina, inibidores da recaptação da noradrenalina, serotonina e benzodiazepínicos (LANDSBERG *et al*, 2013).

3 METODOLOGIA

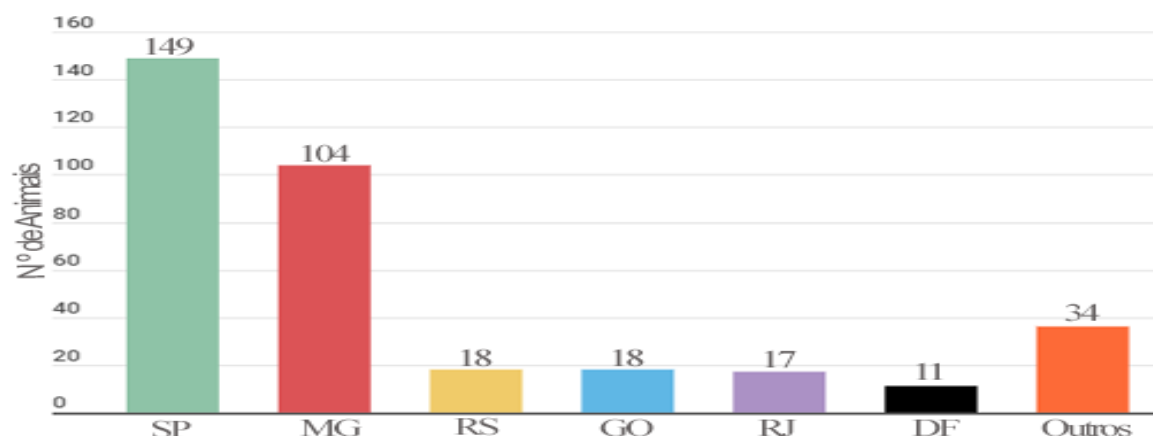
Para a realização da metodologia, foi redigido e distribuído um questionário online realizado na plataforma Survio, em que os questionários foram enviados por meio do Facebook, em grupos de tutores de cães e gatos de todo Brasil. O questionário foi baseado no modelo utilizado por Fatjó et al (2006), e foi dividido em duas partes. A primeira parte abordou questões relacionadas aos tutores, como: localização, sexo, nome, idade e números de pessoas que convivem com o animal. Na segunda parte, foram abordadas questões relacionadas as características do ambiente e distúrbios comportamentais apresentados pelo animal, incluindo perguntas como: idade, espécie, raça, sexo, status reprodutivo, local em que o animal passa maior parte do tempo, questões relacionadas ao acesso à rua e frequência de passeios, e por fim foi apresentado uma lista com sinais de distúrbios comportamentais, onde o tutor assinalou aqueles apresentados por seu animal.

Ao receber as respostas dos questionários, os dados foram analisados e agrupados na plataforma Microsoft Excel. Os resultados permitiram a análise dos principais distúrbios comportamentais nos cães e gatos, dessa forma auxiliando aos profissionais e estudantes da medicina veterinária a se conscientizarem acerca dessa problemática atual e frequente.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

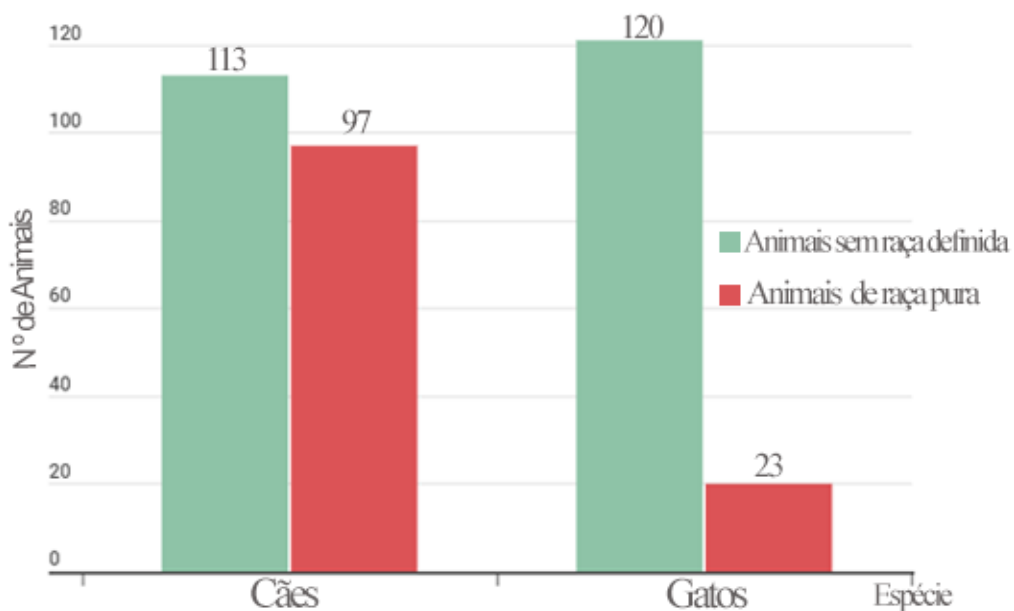
Foram respondidos um total de 353 questionários, por tutores de cães e gatos de diversos Estados do Brasil, conforme a figura a seguir:

Figura 1 – Número de tutores de cães e gatos que participaram da pesquisa em cada Estado do país.



Observou-se que dos 353 participantes, 42,2% se encontram no Estado de São Paulo, 29,5% em Minas Gerais, 5,4% no Rio grande do Sul, 5,4% em Goiás, 4,8% no Rio de Janeiro, 3,1% no Distrito Federal, sendo que os 9,6% restantes se distribuíram pelos demais Estados do país, sendo eles Paraná, Pernambuco, Santa Catarina, Bahia, Paraíba, Ceará e Mato Grosso. Nota-se grande prevalência de participantes dos estados de São Paulo e Minas Gerais, isso devido ao questionário ter tido uma grande adesão em grupos de tutores na internet, pertencentes a esses Estados.

Figura 2 – Número de cães e gatos definidos por espécie e separados em animais de raça pura e sem raça definida.



Analisando as espécies, do total de 353 animais, 59,5% foram da espécie canina e 40,5% da espécie felina, dividindo-se em animais sem raça definida e animais de raça pura, sendo que dos 210 cães, 53,8% foram animais sem raça definida, e 46,2% eram animais de raça pura, já no caso dos gatos, 84% eram animais sem raça definida, e 16% animais de raça pura.

Em relação aos 210 cães, 83 eram machos com idade compreendida de 1 a 15 anos, possuindo uma média de idade de 5,89 anos, já em relação ao total das 127 fêmeas, essas possuíram idade compreendida de 1 a 17 anos, com uma média de idade de 6,12 anos. Analisando a idade dos 143 felinos, temos 77 machos, esses que apresentaram idade compreendida de 1 a 17 anos, com uma média de idade de 4,68 anos, em relação as 66 fêmeas, a idade compreendida foi de 1 a 18 anos, com média de idade de 4,96 anos.

Sobre o intervalo de idade dos caninos e felinos que participaram da pesquisa, no caso dos cães, 40,5% dos animais possuem uma idade de 0 a 4 anos, 40,5% idade de 5 a 9 anos, e 19% idade de 10 anos ou mais. Em relação aos gatos, 53,1% dos animais possuem idade de 0 a 4 anos, 37,1% idade de 5 a 9 anos, e 9,8% idade de 10 anos ou mais, conforme apresentado na tabela 1.

Tabela 1- Número de animais caninos e felinos divididos entre intervalos de idade de 0 a 4 anos, 5 a 9 anos e 10 anos ou mais.

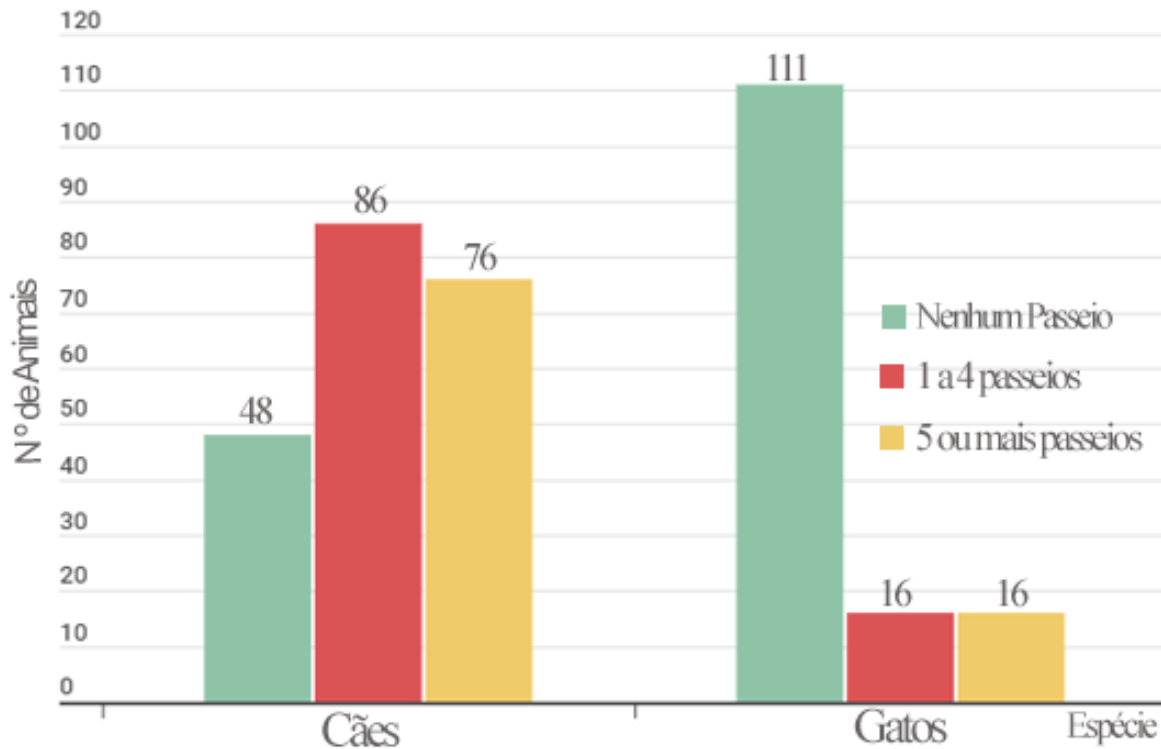
Idade	0 a 4 anos	5 a 9 anos	10 anos ou mais
Nº Cães	85	85	40
Nº Gatos	76	53	14

Ao analisar o estado reprodutivo das espécies, do total de 353 animais, 72,5% são castrados, sendo eles 126 cães e 130 gatos, em relação aos animais não castrados 27,5%, temos 84 cães e 13 gatos. Tais dados demonstram que atualmente grande parte dos tutores se preocupam em relação a necessidade de castração de seus animais, para assim evitar o acometimento de doenças e também descontrole populacional. A seguir o número de cães e gatos castrados e não castrados representado na tabela 2.

Tabela 2 – Status reprodutivo das espécies canina e felina, separando os animais em castrados e não castrados.

Status Reprodutivo	Castrado	Não castrado
Nº Cães	126	84
Nº Gatos	130	13

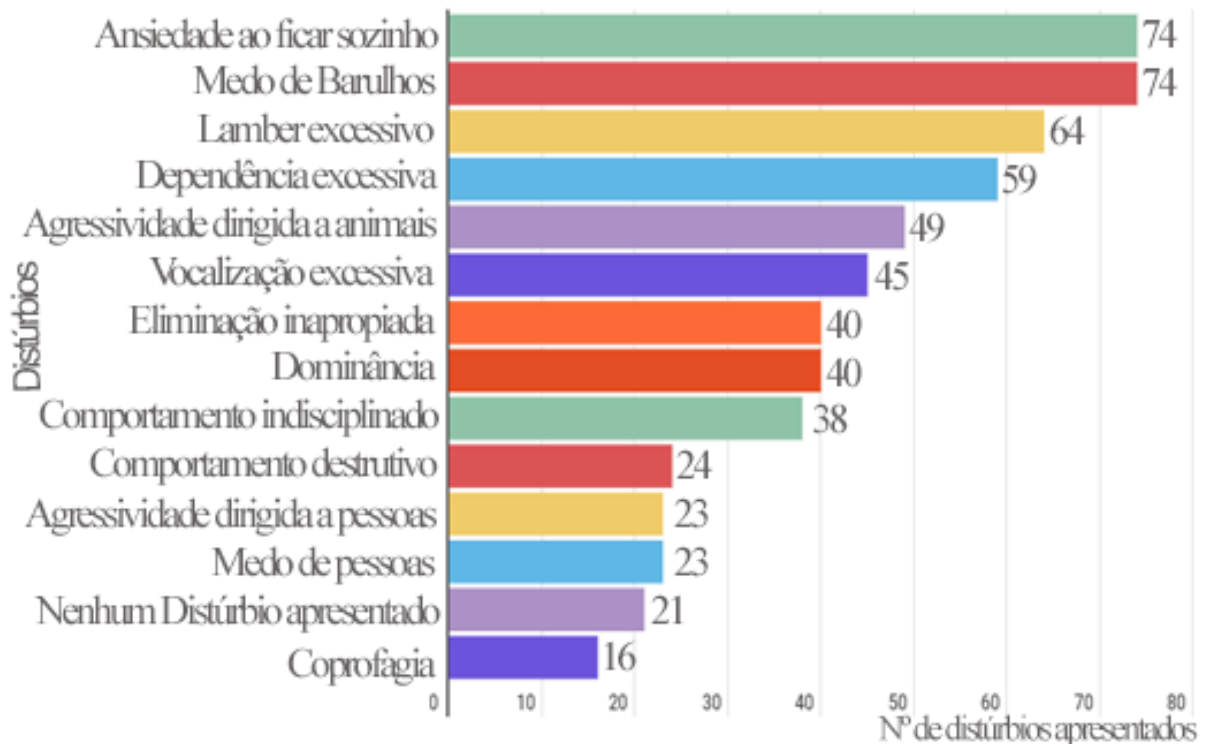
Figura 3 – Frequência de passeios durante a semana das espécies canina e felina, sendo divididos em animais que não realizavam nenhum passeio, animais que realizavam de 1 a 4 passeios, e animais que realizavam 5 ou mais passeios.



Em relação a rotina e ambiente dos animais, foi constatado que do total dos 353 animais, 72,8% passam a maior parte do dia dentro de casa, e 27,2% passam maior parte do dia no quintal, sendo que, dos 353 animais, 45% não realizam nenhum passeio durante a semana, 28,8% realizam de 1 a 4 passeios na semana, e 26,2% realizam mais de 4 passeios durante a semana. Pode-se observar que em relação as espécies, do total de 143 felinos, 77,6% não realizavam nenhum passeio durante a semana, e 22,4% realizavam pelo menos 1 passeio na semana, demonstrando que os tutores dessa espécie não estão muito habituados a inserir uma rotina de passeios para seus animais, pois muitos encontram dificuldades para apresentar um passeio supervisionado em ambiente exterior.

Sobre os cães, do total de 210 animais, 22,8% não realizavam nenhum passeio durante a semana, e 77,2% realizavam pelo menos 1 passeio na semana, isso demonstra, que em relação aos felinos, os tutores de cães, possuem maior facilidade em manter uma rotina de passeios durante a semana, isso devido a essa espécie apresentar grande interesse e disposição em atividades ao ar livre supervisionada por seus tutores.

Figura 4 – Identificação dos principais distúrbios comportamentais relatados pelos tutores de cães.

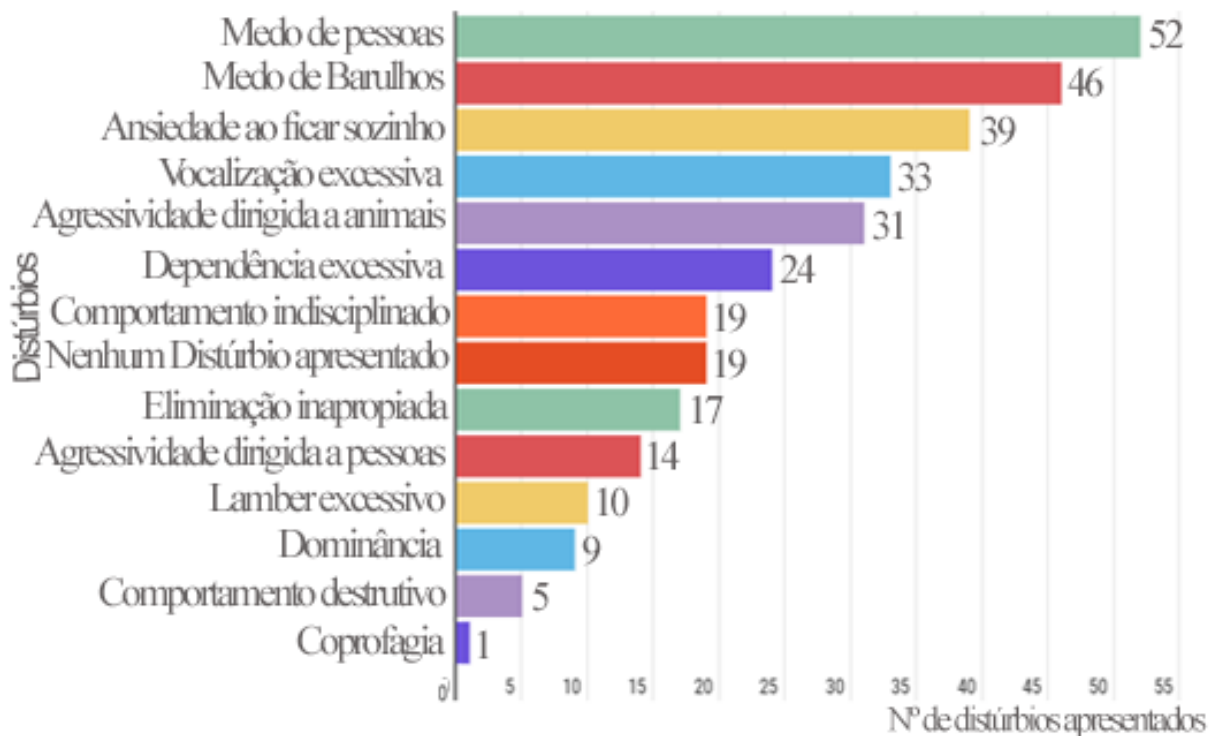


Em relação aos cães, do total de 210 animais, apenas 21 animais foram identificados pelos tutores apresentando nenhum distúrbio de comportamento, sendo que 74 apresentaram ansiedade ao ficar sozinho, 74 medo de barulho, 64 lamber excessivo, 59 dependência excessiva por algum membro da família e 49 agressividade dirigida a animais, sendo estes os distúrbios mais observados nessa espécie. Ao ser realizada a análise do gráfico, deve-se levar em consideração que um animal pode apresentar mais de um distúrbio de comportamento. Ao compararmos os dados observados com outras pesquisas, encontra-se concordância com estudos realizados, segundo (Sherman; Mills, 2008), em uma pesquisa online feita com cerca de 3500 tutores de cães, observou-se que 73,6% dos proprietários relataram possuir um cão com fobia a barulhos, a pesquisa ainda descreve que cães com distúrbio de ansiedade por separação representam 20% a 40% dos casos de especialistas em comportamento animal.

Outro fator que é necessário levar em consideração, é de que a ansiedade por separação pode estar associada a outros distúrbios de comportamento, agressividade, lamber excessivo, tremores, dependência excessiva pelo tutor, vocalização excessiva, fobias e eliminação inapropriada também podem apresentar-se associadas a ansiedade ao ficar sozinho (SHERMAN; MILLS, 2008). Em pesquisa realizada com 3284 cães, 17,2% dos animais

apresentaram ansiedade por separação, sendo que associado a este distúrbio, 58,7% dos cães apresentaram fobia generalizada, e 49,5% medo de barulhos (TIIRA et al, 2016).

Figura 5 – Identificação dos principais distúrbios comportamentais relatados pelos tutores de gatos.



Em relação aos gatos, do total de 143 animais, apenas 19 animais foram identificados pelos tutores apresentando nenhum distúrbio de comportamento, sendo que 52 apresentaram medo de pessoas, 46 medo de barulhos, 39 ansiedade ao ficar sozinho e 31 agressividade dirigida a animais, sendo estes os distúrbios mais observados nessa espécie.

Ao compararmos o presente estudo com os demais, nota-se diferenças em relação aos principais distúrbios apresentados, diversos trabalhos apontam a eliminação inapropriada como o distúrbio mais frequente na espécie felina (FATJÓ et al, 2006; SCHOT et al, 2016; BEAVER et al, 2003). Essa divergência com os demais estudos, pode estar relacionado aos felinos da presente pesquisa em sua grande maioria serem castrados 90,9%, pois ao analisarmos estudos científicos sobre a castração, esses relatam que a castração é o método mais eficaz em eliminar o comportamento de eliminação inapropriada em animais que o apresentam por influência hormonal, não levando em consideração quando esse comportamento ocorre relacionados a problemas ambientais ou de saúde clínica. (NEILSON, 2003; BORCHELT, 1991).

Analisando os distúrbios mais apresentados pelos felinos, observa-se o medo de pessoas como comportamento mais frequente, diferentemente dos cães que apresentaram uma baixa frequência deste comportamento, isso pode estar relacionado ao fato dos gatos serem animais mais reservados e independentes, os quais não são tão sociáveis com desconhecidos igual grande parte dos cães.

Em segundo lugar como distúrbio mais prevalente, encontram-se de medo de barulhos, seguido de ansiedade ao ficar sozinho e vocalização excessiva, tais comportamentos demonstraram grande prevalência em ambas as espécies, e novamente se mostraram associados, como descrito no trabalho (SHERMAN; MILLS, 2008).

5 CONCLUSÃO

Após realização da pesquisa e dos dados obtidos, foi possível obter informações acerca da prevalência dos principais distúrbios comportamentais nos cães e gatos, e informações acerca do ambiente e rotina desses animais.

Ao analisar a espécie canina, nota-se a ansiedade ao ficar sozinho e o medo de barulho como os distúrbios mais apresentados por essa espécie, seguidos de lambrer excessivo, dependência excessiva e agressividade dirigida a animais, sobre o distúrbio menos frequente em cães, nota-se a coprofagia.

Sobre os felinos, o medo de pessoas foi o distúrbio mais apresentado, seguidos de medo de barulho, ansiedade ao ficar sozinho, vocalização excessiva e agressividade dirigida a animais, em relação ao distúrbio menos frequente, a coprofagia novamente é notada.

Podemos concluir com este estudo, que ocorre uma grande prevalência de animais com distúrbios de comportamento, visto que apenas uma pequena parte dos cães e gatos não apresentaram nenhuma alteração de comportamento, porém, atualmente na rotina da medicina veterinária, a especialidade do comportamento animal ainda é pouco difundida. Sendo assim, o presente trabalho destaca a importância de médicos veterinários qualificados acerca do comportamento animal, para reconhecerem os principais distúrbios de comportamento e realizar uma abordagem coerente e individual, garantindo um diagnóstico e tratamento adequado para os pacientes.

REFERÊNCIAS

- AMAT, M.; FATJÓ, J.; MANTECA, X. Interés de los programas de socialización. **Consulta de difusión veterinaria**, 2005. 125, 29-32.
- APPLEBY, D.; PLUIJMAKERS, J. Separation anxiety in dogs: the function of homeostasis in its development and treatment. **Vet. Clin. North. Am. Small Anim. Pract**, 2003. 33(2):321- 344
- BAIN, M.; STELOW, E. Feline aggression toward family members: A guide for practitioners. **Veterinary Clinics of North America - Small Animal Practice**, 2014. 44(3), 581–597. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0195561614000023>. Acesso em: 12 jul. 2022. DOI <https://doi.org/10.1016/j.cvsm.2014.01.001>.
- BÉATA, C.; COUPRY, V.; GAULTIER, E.; LACHAPÈLE, D.; MARION, M.; SCHWOBTHALER, F. Cours de Base Chien. **Association Française des Vétérinaires pour Animaux de Compagnie**, 2015.
- BÉATA, C.; MARION, M.; BEAUMONT-GRAFF, E. Chien la consultation comportementale MSD contribue à la formation des vétérinaires. **Association Française des Vétérinaires pour Animaux de Compagnie**, 2012. 20–25.
- BEAVER, BONNIE V. **Feline Behavior-E-Book**. Elsevier Health Sciences, 2003.
- BLACKWELL, E.; CASEY, R. A.; BRADSHAW, J. W. S. Controlled trial of behavioural therapy for separation-related disorders in dogs. **Veterinary Record**, 2006. 158: 551-554.
- BLACKWELL, E. J.; TWELLS, C.; SEAWRIGHT, A.; CASEY, R. A. The relationship between training methods and the occurrence of behavior problems, as reported by owners, in a population of domestic dogs. **Journal of Veterinary Behavior: Clinical Applications and Research**, 2008. 3(5), 207–217.
- BORCHELT, P. L. Cat Elimination Behavior Problems. **Veterinary Clinics Of North America: Small Animal Practice**, [S.L.], v. 21, n. 2, p. 257-264, mar. 1991. Elsevier BV. [http://dx.doi.org/10.1016/s0195-5616\(91\)50031-0](http://dx.doi.org/10.1016/s0195-5616(91)50031-0).
- BRADSHAW, J. W. S.; MCPHERSON, J.; CASEY, R. A.; LARTER, S. Aetiology of separationrelated behaviour in domestic dogs. **The Veterinary record**, 2002. 151(2), 43–46.
- CARNEY, H. C.; SADEK, T. P.; CURTIS, T. M.; HALLS, V.; HEATH, S.; HUTCHISON, P.; MUNDSCHENK, K.; WESTROPP, J. L. AAFP and ISFM Guidelines for Diagnosing and Solving House-Soiling Behavior in Cats. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, 2014. 16(7), 579–598. Disponível em: journals.sagepub.com. Acesso em 10 jul. 2022. DOI 10.1177/1098612X14539092.
- CASEY, R. A.; LOFTUS, B.; BOLSTER, C.; RICHARDS, G. J.; BLACKWELL, E. J. Human directed aggression in domestic dogs (*Canis familiaris*): Occurrence in different contexts and risk factors. **Applied Animal Behaviour Science**, 2014, 152: 52-63.

CROWELL-DAVIS, S. L. Treatment of storm phobia in dogs. **Atlantic Coast Veterinary Conference 2009**. 2009.

FATJÓ, J; RUIZ-DE-LA-TORRE, JI; MANTECA, X. The epidemiology of behavioural problems in dogs and cats: a survey of veterinary practitioners. **Animal Welfare**, [S.L.], v. 15, n. 2, p. 179-185, maio 2006. Cambridge University Press (CUP).
<http://dx.doi.org/10.1017/s0962728600030268>

FRANK, D.; BEAUCHAMP, G.; PALESTRINI, C. Systematic review of the use of pheromones for treatment of undesirable behavior in cats and dogs. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, 2010. Vol. 236, nº12.

GIAMMANCO, M.; TABACCHI, G.; GIAMMANCO, S.; DI MAJO, D.; LA GUARDIA, M. Testosterone and aggressiveness. **Medical science monitor international medical journal of experimental and clinical research**, 2005. 11: 136-145.

HORWITZ, D. F. Common feline problem behaviors: Urine spraying. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, 2019. 21(3), 209–219. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/>. Acesso em: 14 jul. 2022. DOI 10.1177/1098612X19831203.

HORWITZ, D. F. Feline aggression toward people. **Western Veterinary Conference 2006**, 2006. Disponível em:
<http://www.vin.com/Members/Proceedings/Proceedings.plx?CID=WVC2006&Category=1960&PID=12026&O=VIN>. Acesso em: 12 jul. 2022.

HORWITZ, D. F. Managing Pets with Behavior Problems: Realistic Expectations. **Veterinary Clinics of North America - Small Animal Practice**, 2008. 38(5), 1005–1021. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/>. Acesso em: 14 jul 2022. DOI 10.1016/j.cvsm.2008.04.006.

HORWITZ, D.; MILLS, D. S. BSAVA manual of Canine and Feline Behavioural Medicine. **British Small Animal Veterinary Association**, 2009.

HUNTHAUSEN, W. Beyond house-training: solving canine house-soiling problems. **Western Veterinary Conference 2010**, 2010a. Disponível em:
<http://www.vin.com/Members/proceedings/Proceedings.plx?CID=WVC2010&Category=8224&PID=54669&O=VIN>. Acesso em: 10 jul. 2022.

HUNTHAUSEN, W. Common sense approaches to feline housesoiling problems. **Western Veterinary Conference 2010**, 2010b. Disponível em:
<http://www.vin.com/Members/proceedings/Proceedings.plx?CID=WVC2010&Category=8224&PID=55084&O=VIN>. Acesso em: 10 jul. 2022.

HUNTHAUSEN, W. Fears, phobias, & anxiety disorders. **Western Veterinary Conference 2010**, 2010c. Disponível em:
<http://www.vin.com/Members/proceedings/Proceedings.plx?CID=WVC2010&Category=8224&PID=54658&O=VIN>. Acesso em: 10 jul. 2022.

HUNTHAUSEN, W. The dog that can't be left alone: separation anxiety problems. **Western Veterinary Conference 2010**, 2010d. Disponível em:

<http://www.vin.com/Members/proceedings/Proceedings.plx?CID=WVC2010&Category=&PID=55042&O=VIN>. Acesso em: 10 jul. 2022.

LANDSBERG, G. M.; HUNTHAUSEN, W.; ACKERMAN, L. **Behavior Problems of the Dog and Cat (3rd ed.)**. Saunders Elsevier, 2013.

LANDSBERG, G. M. Incorporating behavior services in veterinary practice. **Western Veterinary Conference 2008**, 2008. Disponível em:
<http://www.vin.com/Members/Proceedings/Proceedings.plx?CID=WVC2008&Category=3177&PID=19399&O=VIN>. Acesso em: 15 jul 2022.

LANDSBERG, G. M.; MELESE, P.; SHERMAN, B. L.; NEILSON, J. C.; ZIMMERMAN, A.; CLARKE, T. P. Effectiveness of fluoxetine chewable tablets in the treatment of canine separation anxiety. **Journal of Veterinary Behavior: Clinical Applications and Research**, 2008. 3(1), 12–19.

MENTZEL, R. E. Agressividade en el gato doméstico. In: CONTRERAS, G. C. (Ed.). **Etología Clínica Veterinária del Gato: Guía practica de abordaje para médicos veterinários**. RIL editores, 2016. P. 135-160.

NEILSON, J. Feline house soiling: elimination and marking behaviors. **Veterinary Clinics Of North America: Small Animal Practice**, [S.L.], v. 33, n. 2, p. 287-301, mar. 2003. Elsevier BV. [http://dx.doi.org/10.1016/s0195-5616\(02\)00129-8](http://dx.doi.org/10.1016/s0195-5616(02)00129-8).

NEILSON, J. Recent advances in companion animal behavior. **Western Veterinary Conference 2009**, 2009. Disponível em:
<http://www.vin.com/Members/Proceedings/Proceedings.plx?CID=wvc2009&PID=pr50775&O=VIN>. Acesso em: 12 jul. 2022.

OVERALL, K. L. **Manual of Clinical Behavioral Medicine for Dogs and Cats**. St. Louis, MO: Elsevier Inc, 2013.

PASSALACQUA, C.; MARSHALL-PESCINI, S.; MEROLA, I.; PALESTRINI, C.; PREVIDE, E. P. Different problema-solving strategies in dogs diagnosed with anxiety-related disorders and control dogs in an unsolvable task paradigm. **Applied Animal Behaviour Science**, 2013. 147, 139-148

SCHOT, Agnes A. Wassink-Van Der; DAY, Cam; MORTON, John M.; RAND, Jacquie; PHILLIPS, Clive J.C.. Risk factors for behavior problems in cats presented to an Australian companion animal behavior clinic. **Journal Of Veterinary Behavior**, [S.L.], v. 14, p. 34-40, jul. 2016. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jveb.2016.06.010>.

SEKSEL, K. Differential diagnosis of behavioural signs. **Western Veterinary Conference 2004**, 2004. Disponível em:
<http://www.vin.com/Members/Proceedings/Proceedings.plx?CID=WVC2004&Category=886&PID=5777&O=VIN>. Acesso em: 10 jul. 2022.

SHERMAN, B. L.; MILLS, D.S. Canine anxieties and phobias: an update on separation anxiety and noise aversions. **Vet Clin North Am Small Anim Pract**, 2008. 38: 1081-1093

SIMPSON, B. S. Canine Separation Anxiety. **Compendium On Continuing Education For The Practising Veterinarian-North American Edition**, 2000. v.22, n. 4, 328-339.

TIIRA, Katriina; SULKAMA, Sini; LOHI, Hannes. Prevalence, comorbidity, and behavioral variation in canine anxiety. **Journal Of Veterinary Behavior**, [S.L.], v. 16, p. 36-44, nov. 2016. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jveb.2016.06.008>.

YAMAMOTO, M. E. Percorrendo a história do estudo do comportamento animal: origens e influências. In: YAMAMOTO, M. E.; VOLPATO, G. L. **Comportamento Animal**. Natal, Editora UFRN, pp 11-20, 2007.

ANEXOS

1. Declaro que li todas as informações acima, me sinto esclarecido (a) e opto por livre e espontânea vontade participar da pesquisa.*

Selecione uma resposta

Sim

Não

2. Localização: Estado e cidade*

Escreva uma ou algumas palavras...



500

+

3. Identidade Sexual*

Masculino

Feminino

Outra...

4. Idade*

Escreva uma ou algumas palavras...



500

+

5. Número de pessoas que convivem com o animal*

6. Espécie*

Selecione uma resposta

Canina

Felina



7. Raça*

Escreva uma ou algumas palavras...



8. Sexo do animal*

Selecione uma resposta

Macho

Fêmea



9. Idade do animal*

Escreva uma ou algumas palavras...

10. Status Reprodutivo*

Selecione uma resposta

Castrado

Não Castrado

11. Animal possui acesso a rua sem supervisão ?*

Selecione uma resposta

 Sim Não

12. Frequência de passeios durante a semana?*

Escreva uma ou algumas palavras...



500

13. Onde o animal passa a maior parte do tempo durante o dia?*

Selecione uma resposta

 Quintal Dentro de casa

14. Assinale as opções de distúrbios comportamentais apresentados por seu animal*

Selecione uma ou mais respostas

Agressividade dirigida a animais

Agressividade dirigida a pessoas

Vocalização excessiva

Ansiedade ao ficar sozinho

Medo de barulhos

Medo de pessoas

Eliminação de urina ou fezes em locais inapropriados

Comportamento destrutivo

Comportamento indisciplinado (roubar alimentos, desobediência)

Dependência excessiva por algum membro da família

Coprofagia (ingestão de fezes)

Lamber excessivo (pelos, patas e corpo)

Dominância (proteger alimentos, locais ou objetos)

Nenhuma das Anteriores